

Para cientistas, PFL é o maior atingido

Diana Fernandes e
Cristiane Jungblut

● BRASÍLIA. Qualquer que seja a punição do senador Antonio Carlos Magalhães (BA) no caso da violação do painel eletrônico, o estrago já está feito no PFL. Mesmo que não seja cassado, a fragilidade exposta do senador, o pefelista mais expressivo, põe o partido em desvantagem, avaliam cientistas políticos e parlamentares. É o partido que mais perde com a crise, ainda que a reboque dela o presidente do Senado e do PMDB, Jader Barbalho (PA), venha a sofrer processo semelhante.

— A situação do PFL é muito complicada. Não tem saída. Os partidos governistas têm muito a perder com a crise do Senado, mas o PFL é o que mais perde — diz a cientista política Lucia Hippolito.

Para Paulo Kramer, professor de ciência política da UnB, o pefelista ainda sairá da crise como o grande eleitor da Bahia, mas o PFL não contará mais com o poder de sua influência na política nacional:

— Sem seu trunfo de negociação, Antonio Carlos, o PFL ficará em posição secundária. Será um partido comportado, magrinho, que não grita e não bate na mesa. Terá, agora, mais dificuldade de comando do que nunca.

Os dirigentes pefelistas e aliados fiéis de Antonio Carlos reconhecem que é grande o estrago provocado, mas têm ressaltado a importância do senador para o partido. Aham que se ele tiver os direitos políticos suspensos, mais do que prestígio e credibilidade o PFL perderá votos, consistência eleitoral.

— Nesse caso, o PFL ficará órfão, porque perderá a figura de proa do partido. A relação entre Antonio Carlos e o PFL não é das melhores, mas um depende do outro — afirma um cacique pefelista.

— O PFL não tem ninguém como Antonio Carlos, nem condições, a curto prazo, de ter. Só tem líderes regionais, como Jaime Lerner e Roseana Sarney — concorda Lucia.

Com Antonio Carlos na berlinda em Brasília, seus companheiros têm repetido: ele tem três milhões de votos e é um dos poucos políticos com condições de eleger em seu estado três senadores e mais de 20 deputados. A ordem é manter apoio e solidariedade, apesar das divergências, mas no limite do pragmatismo.

O senador José Agripino Maia (RN), vice-presidente do PFL, contesta as avaliações de que o partido está desgastado. Para ele, isso aconteceria se Antonio Carlos fosse presidencial:

— Não há por que o PFL sentir-se enfraquecido. Esse processo (o do Senado) é longo e terá desdobramentos. Em 2002 estaremos (os partidos da aliança) todos iguais, como japoneses.

— A política é tão dinâmica que isso tudo ficará esquecido daqui a um ano. O senador Antonio Carlos continuará forte na Bahia e aqui o PFL seguirá com suas lideranças naturais — acredita o líder na Câmara, Inocêncio Oliveira (PE), apostando na volta do prefeito do Rio, Cesar Maia, ao partido.

— Se Cesar Maia vier, ocupará lugar de destaque no partido. Poderá até ser nosso candidato a presidente, uma vez que Roseana (Sarney, governadora do Maranhão) não quer.